



## 10º Congresso de Pós-Graduação

### DESENVOLVIMENTO HUMANO E AS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

#### Autor(es)

---

SORAIA DA SILVA PEDROSO VIEIRA

#### Orientador(es)

---

MARIA INÊS BACELLAR MONTEIRO

#### 1. Introdução

---

As diferentes teorias psicológicas muito têm contribuído para o entendimento e a percepção das possibilidades do desenvolvimento humano. Neste sentido, para entendermos e compreendermos este processo em que a educação busca na psicologia um suporte para explicar ou justificar os problemas vivenciados faz-se necessário buscar na história, a caracterização destas teorias e suas contribuições. Na história da educação, presenciamos diferentes vivências que levaram os educadores a entender as concepções de educação como modismos que pouco contribuíram no fazer pedagógico. Mas, ao aprofundarmos as diferentes matrizes teóricas, podemos perceber o quanto influenciaram e ainda influenciam nas práticas educacionais. Podemos exemplificar por meio do paradigma da Escola Nova que muito influencia para práticas espontaneístas, em que o desenvolvimento humano é visto como natural, enfatizando as etapas deste desenvolvimento em infância, adolescência, adulta e velhice, tornando-se um olhar puramente biológico, reforçando a ideia de “amadurecimento”. Pino nos ajuda a compreender, quando afirma que “(...) o organismo humano é visto como uma organização natural cujas estruturas e funções fundamentais são compartilhados por indivíduos humanos e não humanos” (PINO, 2005, p.36). Nesta perspectiva, o desenvolvimento dos sujeitos é percebido como natural, que este acontece por etapas, limitando este processo e concebendo-o como pré-determinado. As teorias do comportamento também estão presentes nas vivências pedagógicas e os modelos de condicionamentos são vivenciados no cotidiano da escola. Sendo assim, o desenvolvimento também é visto como natural e espontâneo, ao falar de sua teoria sobre o comportamento Skinner afirma que “com frequência dizemos que o comportamento cresce ou se desenvolve. Desenvolver originalmente significava desdobrar, como se desdobra uma carta”. (1995, p.29)

Neste sentido, nossas práticas estão carregadas de diferentes teorias, as quais podem contribuir ou até mesmo prejudicar nosso dia-a-dia na escola. Smolka e Laplane auxiliam-nos a compreender as diferentes contribuições teóricas: “A prática não é transparente nem homogênea. Ela é permeada por contradições que impedem identificá-la com uma única teoria (...) As teorias constituem assim, um lugar do qual se olha a prática cotidiana”.(s.d p. 79)

Com isso, os modos de entender o ser humano, podem ser tradicional ou até mesmo positivista. Conforme Pino (2005):

“Nas teorias tradicionais do desenvolvimento psicológico, o eixo das análises passa, de forma geral, pela duplicidade de fatores responsáveis por ele: fatores orgânicos, de um lado, fatores ambientais, de outro, enfatizando ora uns, ora outros, ora ambos. (...) De forma geral, o organismo humano é visto como uma organização natural cujas estruturas e funções fundamentais são compartilhadas por indivíduos humanos e não humanos. (p.36)

Sendo assim, assumimos o desenvolvimento humano na perspectiva histórico-cultural que consiste num rompimento com as perspectivas psicológicas da segunda década do século XX. Para a rigidez científica desta época, foi uma ousadia afirmar que o desenvolvimento humano acontece nas relações que os indivíduos estabelecem durante sua vida, convertendo aspectos de ordem biológica em cultural, que o processo histórico filogenético e ontogenético atuam e interferem na constituição dos indivíduos.

## 2. Objetivos

---

Este artigo baseia-se no trabalho apresentado à disciplina Educação e Desenvolvimento Humano, com o objetivo de conhecer as contribuições das diferentes teorias psicológicas do desenvolvimento humano, com ênfase na perspectiva histórico-cultural em relação as crianças com deficiência.

## 3. Desenvolvimento

---

Tomando como matriz teórica o Materialismo Histórico e dialético o qual confere um sentido materialista à existência humana, em que a lógica idealista é invertida. Este processo de criação e transformação humana eleva o trabalho como atividade criadora, consciente e livre na qual o homem se afirma e se reconhece nesta produção humana, a relação estabelecida entre homem e natureza e homens entre si, estruturam o seu modo de ser material e cultural.

Neste sentido, é necessário então situar a partir da perspectiva assumida, o que é considerado cultural, para entendermos e podermos nos posicionar diante de qual desenvolvimento estamos realmente nos referindo. Sendo assim, vamos buscar referências em Leontiev, Luria e Pino, para demonstrar a importância da cultura nesta perspectiva. “A grande maioria de conhecimentos, habilidades e procedimentos do comportamento de que dispõe o homem não são o resultado de sua experiência própria, mas adquiridos pela assimilação da experiência histórico-social de gerações.”(LURIA, 1979, p.73)

Este processo de aquisição histórica tanto da espécie homo como da própria história de vida de cada sujeito e também da sociedade, traz pra cada um significados diferenciados, podemos dizer então, que crianças de uma mesma idade, que moram no mesmo bairro, frequentam a mesma escola, apresentam um desenvolvimento diferenciado, pois o processo de significação, de relações que estabelecem, são extremamente diferentes para cada uma. Conforme Pino:

(...) as produções culturais assumem formas materiais de expressão quando instituições sociais, nas quais as significações (ideias, valores, normas etc.) concretizam-se em formas materiais de organização das relações sociais e dos comportamentos dos sujeitos dessas relações. Por exemplo, as formas de organização dos indivíduos na família, no Estado e na sociedade traduzem a significação que a cultura de cada sociedade atribui às relações sociais entre os membros que a integram. (PINO, 2005, p.93)

Podemos perceber a influência direta do outro, dos grupos no processo de desenvolvimento, pois as interações sociais e históricas deixam marcas em cada sujeito em diferentes aspectos. Neste sentido, o sujeito vai aprendendo a ser homem, este processo de hominização mostra “que as aptidões e caracteres especificamente humanos não se transmitem de modo algum por hereditariedade biológica, mas adquirem-se no decurso da vida por um processo de apropriação da cultura criada pelas gerações precedentes (LEONTIEV, 1978, p.267)”.

Sendo assim, a cultura que o ser humano está inserido, os costumes, hábitos, crenças, estão relacionados diretamente com a sua constituição. Ao participar destas atividades essencialmente humanas, o homem vai passando de geração em geração estas vivências sociais que foram acumuladas ao longo dos tempos. O ser humano é histórico e cultural, pois sua vida, só adquire a humanidade a partir de todo este processo histórico acumulado, nas relações, nas experiências, nas práticas de produção e nas práticas sociais.

Segundo Leontiev (1978), os fenômenos culturais estão postos, mas para adquiri-los, para que se tornem “os órgãos da sua individualidade” (p.267), o ser humano precisa relacionar-se, comunicar-se com os fenômenos do mundo por meio dos outros homens, todas estas relações tornam-se um processo educacional, em que no primeiro momento é uma simples imitação, mas que com intervenções, interações, complica-se e especializa-se, tomando diferentes formas, mas é essencial que se perceba “que sem o desenvolvimento sócio-histórico nas gerações seguintes seria impossível e conseqüentemente, a continuidade do progresso histórico”. (LEONTIEV, 1978, p.266)

Perceber a amplitude deste conceito na perspectiva Histórico-Cultural é conceber sua profundidade no que diz respeito as produções humanas, pois estas “são constituídas de materialidade e significação. As diferenças que existem entre essas produções são então função da maneira como esses dois componentes se combinam.” (PINO, 2005, p.92)

Sendo assim, podemos pensar, o que nós educadores e agentes sociais estamos produzindo enquanto cultura escolar? Quais significações estamos elaborando no que diz respeito ao desenvolvimento das crianças com deficiência intelectual?

## 4. Resultado e Discussão

---

Ao pensarmos no desenvolvimento das crianças com deficiência, é muito comum considerarmos suas limitações, físicas, sensoriais e

intelectuais focalizando na maioria das vezes aspectos biológicos e deixando de considerar os aspectos históricos e culturais. Ao entendermos que o desenvolvimento humano acontece a partir das relações sociais estabelecidas, que este desenvolvimento é historicamente construído por meio da cultura, que o sujeito está inserido. Torna-se imprescindível, conceber que a sociedade vem se constituindo historicamente para sujeitos não deficientes. Vigotski nos aponta algo fundamental a respeito do desenvolvimento dos sujeitos com deficiência, segundo ele “a criança, cujo desenvolvimento tem sido complicado por um defeito, não é simplesmente menos desenvolvido que seus pares normais, é uma criança, com desenvolvimento de outro modo.” (VIGOTSKI, 1983, p.3)

Neste sentido, ao concordarmos com o autor, concebemos que a deficiência em si, não interfere no desenvolvimento do sujeito, mas precisamos saber, quais os caminhos, quais as intervenções e interações podem contribuir para este desenvolvimento. Para Góes “(...) o desenvolvimento é um processo dialético, complexo, que implica revolução, evolução, crises, mudanças desiguais de diferentes funções, incrementos e transformações qualitativas de capacidades. (...) o desenvolvimento implica o enraizamento na cultura e a individuação.” (2002, p.4)

Mas, como a escola pode contribuir para a individuação? Se na maioria das vezes, procura desenvolver as crianças para ficarem no mesmo "nível", comparando muitas vezes umas com as outras? Para Vigotski, o processo de desenvolvimento das crianças com deficiência e das crianças sem deficiência são semelhantes, as diferenças existentes estão na história de vida de cada um e das experiências nos diferentes espaços da cultura.

Es verdad que el niño ciego o sordo desde el punto de vista de la pedagogia puede, en principio, ser igualado al niño normal; pero él alcanza todo lo que alcanza el niño normal por outra via, de outra maneira, por otros médios. (...) La biografia del ciego no se parece a la biografia del vidente; es imposible admitir que la cegueira no provoca uma profunda peculiaridade de toda la línea del desarrollo.” (VIGOTSKI, 1983, p. 36)

Estas diferentes peculiaridades, presentes também nas crianças com deficiência intelectual, tornam-se fatores importantes para o seu desenvolvimento, pois, conforme o autor apresenta, este desenvolvimento irá depender “(...) em qué médio el niño se educa e qué dificultades surgen para él debido a esta deficiência.” (1983, p. 40)

Desta forma, o autor aponta para o conceito de compensação, sendo este essencial na busca da superação das dificuldades encontradas pelo sujeito. Segundo Góes (2002)

"(...) a idéia de compensação(...) é um processo fundamental do desenvolvimento de indivíduos com deficiência. Na verdade, este processo se faz presente em qualquer ser humano e, mais, amplamente, em qualquer matéria viva.(...)Mas, para compreender o funcionamento humano, é essencial considerar as compensações sócio-psicológicas, que são distintas (embora possam ser vistas como análogas) às orgânicas.(...)A questão compensatória assim concebida, não é uma instância complementar da formação da criança com deficiência ao contrário deve ser assumida como central. (p. 99)”

## 5. Considerações Finais

---

Com este olhar para o desenvolvimento da criança com deficiência.. Poderemos buscar superar a prática da educação “minimalista”, que limita a aprendizagem desta criança por acreditar que ele não tem capacidade para refletir, analisar, opinar. Neste sentido, percebemos a importância fundamental do educador, pois este será aquele que contribuirá por meio dos instrumentos culturais e dos conhecimentos historicamente construídos, o processo de significação do mundo para as crianças com deficiência.

Podemos até conceber que este desenvolvimento não é unilateral, não só o aluno desenvolve-se, durante este processo há também o desenvolvimento do educador, que está em processo de aprendizagem, de apropriação desta situação cultural que está sendo vivenciada na escola e na própria sociedade (ao menos é o que se deseja).

Por isso, a importância de nós educadores, conhecermos além da peculiaridade, singularidade de cada educando, quais os caminhos indiretos precisam ser percorridos para que haja desenvolvimento cultural, pois a deficiência apenas “impede os caminhos diretos.” (SALES, OLIVEIRA e MARQUES, 2011, p. 868) A cultura escolar precisa acreditar que as crianças, todas elas podem pensar, agir, ter atenção, ter opinião, podem fazer escolhas, podem aprender. Sendo assim, a perspectiva histórico-cultural, concebe o ser humano como histórico, cultural e social, sua aprendizagem e desenvolvimento acontecem nestas relações e nas inter-relações concretas de vida. Neste sentido podemos entender “que as pessoas com deficiência são antes de tudo os homens que a sociedade vê e com os quais se relaciona”. (ROSSATO e LEONARDO, 2011, p.83), então o aprender e o desenvolver não é uma tarefa solitária e individual.

## Referências Bibliográficas

---

GÓES, M. C. R. de. Relações entre desenvolvimento humano, deficiência e educação: contribuições da abordagem histórico-cultural.

---

In: OLIVEIRA, M. K.; SOUZA, D. T. R.; REGO, T. C. (org.). Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002, (p. 95 – 114).

LEONTIEV, A. O Homem e a Cultura. In: O Desenvolvimento do Psiquismo. Lisboa: Livros Horizonte, 1978,( p.261-284).

LURIA, A. R. A Atividade Consciente do Homem e suas Raízes Histórico-Sociais. In: LURIA, A.R. Curso de Psicologia Geral – vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, (p.71-84).

PINO, A. As Marcas do Humano: às Origens da Constituição Cultural da Criança na Perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

ROSSATO, S.P.M., LEONARDO, N.S.T. A Deficiência Intelectual na Concepção de Educadores na Educação Especial: Contribuições da Psicologia Histórico Cultural. Rev. Bras. Ed. Especial. Marília, v.17. n.1, p.71-86, janeiro-abril, 2011.  
<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v17n1/v17n1a06.pdf>  
Acessado em 10-07-2012.

SMOLKA, A. L. B., LAPLANE, A. Trabalho Pedagógico em Sala de Aula: teorias para que? Cadernos ESSE. Alfabetização e Leitura, Campinas: Unicamp, (s.d.)

VIGOTSKI, L.S. Fundamentos de Defectologia. Obras Completas. Tomo 5. Editora Pedagoguika, Moscú, 1983.

VIGOTSKI, L. S. A Defctologia e o Estudo do Desenvolvimento e da Educação da Criança Anormal. Tradução de SALES, D. R., OLIVEIRA, M. K., MARQUES, P. N. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011.